

O Cinema como Instrumento de (Des)Construção Ideológica.

Cinema e Persuasão.

The Cinema as an Instrument of Ideological (Un) Construction.

Cinema and Persuasion.

Bruna Marques da Silva¹

Geicilayne Tavares Silva²

Resumo

Este trabalho faz uma análise discursiva do filme “Quanto vale ou é por quilo?”, produzido em 2005 e dirigido por Sérgio Bianchi, mostrando a relação dialógica estabelecida entre o filme e o conto de Machado de Assis “Pai contra mãe”. Tendo como principal objeto de análise a ironia usada para mostrar como um discurso bem elaborado, domina e convence as pessoas a entender, e aprender a conviver com explorações sociais absurdas, as quais são notadas, mas deixadas de lado. O aporte teórico é fornecido por Van Dijk (2010), Facioli (2002), Schüler (1983) e Motta (2010) entre outros, que trazem respectivamente desde discussões sobre os aspectos discursivos, as formas de ironia e análise do filme. A partir dessas análises percebemos o cinema não apenas como um meio de reprodução de ideias, mas também como instrumento de combate a discursos que visam exercer poder e dominação.

Palavras-chave: Sociedade. Ironia. Poder. Dominação.

Abstract

This work is a discursive analysis of the film "How much is it per pound or?", Produced in 2005 and directed by Sérgio Bianchi, showing the dialogical relationship between the film and the short story by Machado de Assis "Father against Mother." With the main object of analysis used irony to show how a well-crafted speech, dominates and convinces people to understand and learn to live with absurd social explorations, which are noted, but forgetful. The theoretical contribution is provided by Van Dijk (2010), Facioli (2002), Schuler (1983) and Motta (2010) and others, bringing respectively from discussions about the discursive aspects, forms of irony and analyze the film. Starting these discussions we realized the movie not just as a means of reproduction of ideas, but also as a tool combat the discourses that angle for to exert power and domination.

Keywords: Society. Irony. Power. Domination.

¹Graduanda do curso de Letras Licenciatura, pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, *Campus Arapiraca*.

² Graduada do curso de Letras Licenciatura, pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, *Campus Arapiraca*.

Introdução

No conto “Pai contra Mãe”, o autor Machado de Assis traz discussões sobre a exploração numa perspectiva de escravidão, para trabalhar esse tema, como é de sua característica, o romancista se utiliza da ironia. Sérgio Bianchi faz uma releitura da obra de Machado, não só mostrando os aspectos já tratados, mas produzindo um diálogo entre as formas de exploração vivenciada pelo homem, nomeada de escravidão, e como essa exploração continua viva na sociedade, apresentando apenas uma nova forma. Essa nova forma mostrada por Bianchi é a formação de ONGs, que utilizam do discurso de preocupação com a sociedade, para explorar a imagem de pessoas, que supostamente são beneficiadas por elas, e de quem se sensibiliza e faz contribuições acreditando que está ajudando a mudar uma perversa realidade.

“Pode-se dizer que Sérgio Bianchi elege um tipo de leitura na obra Machadiana e faz dela um meio de ‘reler’ as contradições, os mecanismos de empenho, a dominação e exploração que permeiam as relações da nossa sociedade contemporânea” [...] (MOTTA, 2010, p. 79)

Bianchi traça no filme um paralelo com o conto de Machado “Pai contra Mãe”, mostrando aspectos que ligam os dois, mesmo marcados de maneira diferente; em um a escravidão conhecida por todos - exploração do trabalho sem remuneração levando o homem à posição de animal – reaparece com outra cara no filme, realçando de maneira agressiva a perversidade do homem.

Este trabalho, apresenta um resumo do conto “Pai contra mãe” de Machado de Assis e do filme “Quanto vale ou é por quilo?” de Sérgio Bianchi, a partir da apresentação das obras faz-se uma breve discussão sobre ideologia e ironia, fundamentada em Fairclough (2001, 2008) e Schüler (1983), em seguida discorre-se a respeito das relações que essas obras imprimem com a sociedade.

A partir desses diálogos entre o conto “Pai contra Mãe” e o filme “Quanto Vale ou é por quilo?”, percebemos que um ponto chave para críticas realizadas nas duas obras é a ironia, que é uma característica presente nas obras de Machado e que Bianchi dá maior ênfase ao fazer sua releitura.

1. O Conto e o Filme

O conto “Pai contra Mãe”, foi publicado em 1906, em um livro de contos chamado “Relíquias de casa velha”, do romancista Machado de Assis, um dos maiores escritores brasileiros, que tem como características presente nessa conto a ironia.

O conto tem como personagem principal “Cândido Neves”, rapaz “livre”, que não se identificava com nenhum ofício de trabalho, por isso lhe era mais conveniente caçar escravos fugidos, já que para isso precisava apenas de um pedaço de corda e um pouco de agilidade. Candido casa-se com a jovem Clara, mora com a esposa e a tia Mônica. Clara fica grávida, e a tia Mônica começa a aconselha-los a entregar o menino na roda dos enjeitados, já que não teriam como sustentar o mesmo. A partir do nascimento da criança, Candido sai à procura de escravos fugidos, para conseguir dinheiro, acaba capturando uma escrava que estava grávida, fazendo com que a mesma perdesse o bebê. Volta para casa com o dinheiro e com o sentimento de que alguns tem que morrer para que outros vivam.

O filme brasileiro, “Quanto vale ou é por quilo?”, do gênero drama, foi produzido e dirigido por Sérgio Bianchi. Apresenta um diálogo com o conto de Machado de Assis. No filme Bianchi mostra como os conflitos sociais permanecem na sociedade, faz isso, a partir do diálogo que estabelece entre a escravidão e o capitalismo.

O filme inicia com a história de um documento do arquivo nacional, em que uma escrava alforriada tem seu escravo capturado e mesmo apresentando os documentos que comprovam sua liberdade e a posse do escravo, não é ouvida e acaba sendo condenada por perturbar a ordem, já nesse fragmento do filme podemos perceber que Bianchi apresenta questionamentos sobre “liberdade”. Em seguida aparecem escravos com instrumentos de torturas, como máscaras, que assim como no conto, tem seu uso justificado, são instrumentos para manter a ordem e livrar os escravos de vícios. Começam histórias que parecem sobreviver ao tempo, tendo apenas novos personagens, explorações e supostas liberdades que vão percorrendo o tempo da escravatura até chegar ao capitalismo. Pontos que tem grande destaque no filme é a forma como Bianchi apresenta o “terceiro setor”, os indivíduos que como “Candinho”, apresentam uma liberdade fixada no sofrimento e destruição do outro, ou seja, no jogo organizado pelo sistema, sujeito como o “Candinho” são peças que precisam existir, e a existência de ONGs, que visam supostamente o auxílio a pessoas que historicamente apresentam-se a margem da sociedade.

As duas obras apresentam discussões ricas sobre, sociedade, homem, história, relações de poder, entre outros, que mostram como as organizações sociais se apresentam sempre de maneira assimétrica, estabelecendo relações de poder e dominação.

2. Ironia e Ideologia: instrumentos de persuasão

Segundo Althusser (1971 *apud* Fairclough 2001, 2008, p. 52) a ideologia funciona pela constituição (interpelação) das pessoas em sujeitos sociais e sua fixação em ‘posições’ de sujeito, enquanto ao mesmo tempo lhes dá a ilusão de serem agentes livres. As organizações sociais e as posições ocupadas socialmente por cada indivíduo, formam sujeitos que se enxergam livres como o personagem Candinho.

Fairclough (2001, 2008, p. 117), entende que

As ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, e reprodução ou transformação das relações de dominação[...]

As ideologias são construídas historicamente, pelas sociedades que através das experiências vivenciadas formam os sujeitos sociais e suas ideias. A ideologia de cada indivíduo pode ser percebida em seu discurso.

O discurso segundo Van Dijk (2010, p.12) “não é analisado apenas como um objeto ‘verbal’ autônomo, mas também como uma interação situada, como uma prática social ou como um tipo de comunicação numa situação social, cultural, histórica ou política”. O discurso não pode ser visto apenas como uma materialização do texto, focalizando apenas seus aspectos gramaticais, mas as influências sofridas que geraram tal discurso e o impacto que causa o que está sendo dito. É através da fala que se tem o poder do convencimento, se assim não fosse, não haveria debates políticos para conquistar eleitores e os eleitores sem ouvir propostas não os elegeriam.

Dos aspectos irônicos, ressaltamos como essa forma de linguagem é usada para quebrar ideologias. Segundo Schüller (1983), “[...] o ironista, depois de se recolher, volta-se para o que o circunda. Pergunta aos homens se sabem por que arriscam a vida. A ironia desenvolve-se na opinião dele, como protesto de subjetividade oprimida contra o que aliena o indivíduo. [...]”

Os estudos tradicionais sobre a ironia a descrevem em termos de ‘dizer uma coisa e significar outras’. Tal explicação é de utilidade limitada, porque o que falta é a natureza intertextual da ironia: o fato de que um enunciado irônico ‘ecoa’ de um outro[...] (Sperber e Wilson, 1986: 2370- 243 *apud* Fairclough 2001,2008, p. 158).

A ironia tem a função de desdizer o que havia sido dito, no entanto essa nova realização de fala é carregada de outros sentidos sejam eles, raiva, sarcasmo, entre outros. Esses sentidos são despertados através das diferentes ideologias sociais criadas historicamente.

A ironia é usada para persuadir adotamos para o trabalho a persuasão definida por Kant (1989, p. 61, *apud* Silveira 2010, p. 649) que vê a persuasão como um recurso inerente da língua, quanto um efeito ou resultado que pretendemos obter com o outro, podendo implicar tanto em mudança de opinião, quanto na manutenção de crenças já existentes.

Entendemos, que a ironia se apresenta como instrumento de combate a dominação, e que quando autores decidem valer-se desse instrumento podem utilizá-lo desde textos escritos até obras cinematográficas como o filme de Bianchi, para persuadir os indivíduos de seu interesse seja para manter uma ideologia, seja para romper ideias vigentes.

3. Discussões Apresentadas nas Obras

As obras literárias assim como o cinema, carregam a responsabilidade de transmitir ideias, sejam elas boas ou ruins. As ideias expostas por Machado de Assis e por Sérgio Bianchi trazem em tom de ironia as críticas que os autores se põem a fazer contra os sistemas vigentes em determinados períodos da história do Brasil. Tanto Machado quanto Bianchi usam da ironia para mostrar o discurso presente na sociedade, discurso de aceitação. A forma de enxergar a sociedade de maneira a ser domesticada ao que se acredita como organização social, fica bem marcada tanto em Bianchi, quanto em Motta, que o analisa justamente traçando os pontos mais marcados pelos aspectos de dominação do homem sobre o homem.

Durante o filme podemos notar que Bianchi, partindo da análise do conto de Machado faz uma ligação entre o sistema presente da época em que a história acontece (escravidão), e o sistema atual (capitalista), mostrando que muda-se o sistema, mas a exploração continua, no entanto não sendo necessário agora utilização de força, mas apenas de boa argumentação e persuasão.

Voltando aos conceitos de ironia temos segundo o dicionário Houaiss quer ironia é: n substantivo feminino 1 Rubrica: retórica. Figura por meio da qual se diz o contrário do que se quer dar a entender; uso de palavra ou frase de sentido diverso ou oposto ao que deveria ser empr., para definir ou denominar algo [A ironia ressalta do contexto.]. 1.1 Rubrica: literatura. Esta figura, que se caracteriza pelo emprego inteligente de contrastes, us. literariamente para criar ou ressaltar certos efeitos humorísticos. 2 m.q. asteísmo ('uso sutil e delicado da crítica irônica'). 3 qualquer comentário ou afirmação irônica. 4 Derivação: por extensão de sentido. Uso de palavra, expressão ou acepção de caráter sarcástico; zombaria. 5 Derivações: sentido figurado. Contraste ou incongruência entre o resultado real de uma sequência de acontecimentos e o que seria o resultado normal ou esperado. 5.1 Derivações: sentido figurado. Acontecimento ou resultado marcado por esse contraste ou incongruência. Ex.: uma i. do destino.

Podemos perceber nesse trecho retirado logo do início do conto de Machado (1906, p. 1), os aspectos irônicos.

A ESCRAVIDÃO levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos se não por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dous para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça com um cadeado. Com o vício de beber. Perdiam a tentações de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com o que matar a sede, e ai ficavam dous pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre e alcança sem grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham pendurada, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

Machado já inicia seu conto usando a ironia, como vemos no trecho acima ele fala dos aparelhos usados para dominação e tortura dos negros colocando-os como um instrumento necessário para organização social. Aparelhos esses que fazem o “bem” retirando os negros de vícios como o álcool. A ironia fica muito marcado por sabermos que não estamos falando de animais a serem domesticados, mas de homens que são explorados e vistos como animais. Machado mostra de certa maneira como a sociedade da época está acostumada com as torturas, colocando-as como algo natural.

O filme de Bianchi é composto por críticas e ironias, um trecho que se destaca pela maneira forte que mostra a ambição do homem, e deixa marcada a analogia estabelecida com o conto de Machado, fazendo a transição da escravidão ao capitalismo, já na última parte do filme, em que acontece um evento para mostrar os trabalhos realizados pelas ONGs, e um de seus representantes mesmo sem a orelha o dedo, e mais alguns ferimentos após sofrer um sequestro,

por indivíduos das comunidades supostamente beneficiadas pelas ONGs, o personagem mostra toda sua ambição em continuar enganando as pessoas mesmo depois do que sofreu.

Notamos que Bianchi também usa da ironia mas parece desejar ainda mais que Machado, que as pessoas se percebam em um sistema de dominação e controle, que age de maneira a disfarçar as injustiças sociais.

Motta (2010, p. 91-92), ao fazer uma análise do filme de Bianchi à luz do conto de Machado, percebe as diferenças de estilo e linguagem existente entre os autores, focando a maneira como Bianchi vai mais a fundo nas ironias apresentadas por Machado

Novamente a diferença de estilo e das linguagens. Enquanto em Machado se fia uma tessitura discreta entre o “fio social” e a estrutura de composição, com o fio discursivo articulando-se à estrutura social para incorporar a temática social à filigrana da narrativa como elemento imanente e funcional de composição literária, Sérgio Bianchi joga mais luz, cria mais contraste e, de acordo com os meios de sua arte, dá mais movimento a essa estrutura social desigual e às perversidades das relações de exploração que ela gera em seu ventre monstruoso.

Para fazer isso Bianchi vai usando da ironia de Machado, não da forma como o próprio Machado usa, mas aproveita dos aspectos cinematográficos para explorar e deixar mais clara a ironia usada, para realçar essa relação do homem com o homem.

Não somos meros reprodutores de ideologia, mas participamos da formação ideológica como sujeitos ativos, podendo não só participar como construtores, mas como filtro de informação ideológica, o que Machado e Bianchi fazem é dar essa oportunidade de construção e ao mesmo tempo desconstrução de ideias.

O discurso pertence aos aspectos materiais da ideologia. Essa é construída através da história vivenciada por cada indivíduo. É a partir das experiências sociais que cada indivíduo torna-se sujeito. Por ser construída dessas experiências, a ideologia torna-se possível. O sujeito expressa sua ideologia no discurso que profere, que é também construído através de obras literárias e cinematográficas.

Considerações finais

Toda violência presente na história, partia não apenas do homem, que historicamente é marcado por dominações, guerras, etc. mas pela maneira como a sociedade se estrutura, usando sempre da exploração. Desde a escravidão que usava da ideia de se ter uma raça inferior a qual devia servir e jamais ser servida, até o homem que aparentemente é livre, e no entanto,

vive à margem da sociedade por causa de uma forma de sistema, a exploração das pessoas usando o meio emotivo.

A partir das análises realizadas notamos que as formas de dominação do homem, continuam presentes na sociedade e que não só a literatura como também o cinema pode ser utilizado como instrumento de reflexão, e desconstrução de ideologias que busquem exercer poder e dominação.

A ironia acontece através do discurso, e os aspectos semânticos e sintáticos presentes no discurso não podem ser considerados separadamente, sem se levar em consideração as questões sociais, históricas e culturais presentes no discurso. Percebe-se então que a ironia é mais que uma forma de usar a língua é também um instrumento de construção ou desconstrução ideológica.

Referência

ASSIS, M. Pai contra Mãe. Disponível em: http://www3.universia.com.br/conteudo/literatura/Pai_contra_mae_de_machado_de_assis.pdf. Acessado em: julho de 2014.

FACIOLI, V. **Um defunto estrambólico: análise e interpretação das Memórias póstumas de Brás Cubas**. Cap. 4, p. 112-118. São Paulo: Nankin Editorial, 2002.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001, 2008.

HUTCHEON, L. **Teoria e política da ironia**. Trad. Julio Jeha. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2000.

MOTTA, S. V. **Machado de Assis a luz do cinema de Sérgio Bianchi: o espaço em movimento**. Editora Unesp.

SCHÜLER, D. **A prosa fraturada**. Cap. 2, p. 24-27. Porto Alegre, ed. da Universidade, UFRGS, 1983

SILVEIRA, N. M. **A persuasão no discurso de sala de aula**. Maceió: EDUFAL, 2010.